

Os livros didáticos de Língua Portuguesa e a autoria feminina: reflexões sobre a presença de escritoras no material utilizado com estudantes do IFSP Câmpus Barretos

Júlio Bernardo Ronchi¹ e Aline Miguel Kapp Barbosa¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Barretos. E-mail: alinekapp@ifsp.edu.br

Palavras-chave: Literatura, Autoria Feminina, Livros Didáticos, Ensino Médio.

Introdução

É de conhecimento geral que as mulheres foram, por séculos, privadas do acesso à educação formal. No Brasil, foi apenas na primeira metade do século XIX que as instituições de ensino passaram a abrir espaço para a presença feminina, sendo possível que as mulheres privilegiadas socialmente ingressassem em escolas e tivessem acesso ao mundo da leitura e da escrita. Uma das consequências disso foi a baixa participação das mulheres na produção da literatura, pois o espaço intelectual em que a escrita impera não pertencia a elas: “*Women would not have written excellent literature because social conditions hindered them. The reason, though gender-connected, would not be gender per se*” (BAYM, 1985. p. 64). Por outro lado, a partir dos estudos da crítica feminista, a história literária pode ser revisitada para que nomes antes desconhecidos, como Narcisa Amália (1852-1924), Maria Firmina dos Reis (1825-1917), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), entre outras escritoras brasileiras, passem a fazer parte de nossas leituras e dos estudos de literatura. A crítica literária feminista tem, portanto, um importante papel na revisão do cânone literário e na republicação e releitura de escritoras apagadas pela tradição literária patriarcal. Diante dessa reflexão, questionamos sobre o papel do livro didático de língua portuguesa enquanto recurso que materializa a literatura em sala e que pode, a depender das escolhas textuais, contribuir para o apagamento das escritoras ou para sua inserção no repertório de leitura dos estudantes. Em outras palavras, pode-se afirmar que o livro didático é um instrumento de ação e de reflexão em sala de aula e que, portanto, vai contribuir para a formação do discente enquanto leitor de

literatura; nesse caso, se o livro didático de língua portuguesa reforça a existência de um cânone literário majoritariamente masculino, ele estará legitimando o espaço privilegiado do escritor homem e reforçando estereótipos de gênero sobre o papel e a presença das mulheres no fazer literário e na participação intelectual em nossa história.

Objetivos

Ao se constituir como um importante veículo de aprendizagem teórica, o livro didático é um instrumento de construção social e, por isso, torna-se objeto de investigação para compreendermos os efeitos de seu uso no processo de ensino e aprendizagem.

Em outras palavras, o livro didático usado em aula de literatura é um dos recursos que a escola emprega na construção do saber e tem potencial de produzir discursos hegemônicos, manter ou romper com as vozes da literatura já legitimadas pelas estruturas de poder que definem o cânone, além de fazer a mediação entre o sujeito e seu contexto histórico e cultural. Nesse sentido, ao reconhecermos a importância do livro didático na formação literária discente, vê-se a necessidade de analisar a constituição dessa ferramenta usada em sala de aula quanto ao arcabouço de literatura que vem sendo exposto, uma vez que esse recurso didático é de grande relevância para que estudantes do Ensino Médio tenham contato com a literatura de maneira diversa, com autorias plurais. A pesquisa em desenvolvimento visa compreender o modo como a literatura de autoria feminina é apresentada (quando apresentada) e o espaço dedicado a ela nos livros didáticos de Língua

Portuguesa e Redação usados pelas(os) docentes da disciplina, no ano letivo de 2022, que lecionam no ensino médio integrado do IFSP, Câmpus Barretos.

A partir do mapeamento dos materiais, esperamos responder aos questionamentos: quais escritoras são citadas nos livros didáticos, e de que forma elas são mencionadas? Há ocorrência de propostas de discussões quanto à autoria feminina?

Material e Métodos

O presente estudo elegeu a pesquisa qualitativa, de natureza básica, como modalidade de abordagem metodológica; trata-se de uma pesquisa descritiva com base em bibliografia sobre autoria feminina, que encaminhou a investigação de textos de autoria feminina e elementos que sugeriram discussões e questionamentos sobre o tema, nos livros didáticos de Língua Portuguesa usados pelas(os) professoras(es) desse componente curricular do ensino médio, no IFSP, Câmpus Barretos. Desse modo, para compor o corpus da pesquisa, foram tabuladas todas as ocorrências de textos nos três volumes da coleção “Novas Palavras”, usada pelo corpo docente do câmpus. Na tabulação, foram inseridas as seguintes informações referentes a cada texto: página em que se encontra; título; autor(a); seção; espaço dedicado à obra e espaço dedicado à autoria. Em um segundo momento, após o mapeamento dos textos, foi feita uma sinalização nos textos de autoria feminina; em seguida, os textos foram numericamente expressos.

Resultados e Discussão

Na primeira etapa do mapeamento, em que foi analisada a estrutura do material, ordem dos assuntos, organização dos tópicos e principais abordagens, foi possível identificar que a hipótese da pesquisa, de que o espaço dedicado às mulheres escritoras seria pífio quando comparado aos homens escritores, mostrou-se coerente. A autoria feminina passa quase

despercebida, deixada de lado até mesmo nos estudos relacionados a escolas literárias mais contemporâneas, em que muitas mulheres foram reconhecidas e estudadas, uma vez que tiveram o direito de estudar e publicar conquistado e garantido por lei. Até o ano de 2022, muitas estudiosas e estudiosos vêm se dedicando ao resgate de tais escritos bem como da exposição e relevância da divulgação do trabalho de autoria feminina e a história por trás dessa conquista. Ainda assim, o material do componente curricular responsável por apresentar literaturas diversas e incentivar que discentes se tornem leitores a partir do que é por ele proposto, não dá espaço para o conhecimento quanto às escritas femininas. Ainda que poucas mulheres escrevessem no século XVI ou XVII, não propor a leitura de obras por elas produzidas só reforça a ideia de que apenas homens escreviam e produziam conteúdos intelectuais.

Essa questão se concretiza na leitura de uma coleção de livros didáticos produzida em 2016 em que, já no primeiro livro, foram identificados os padrões que se mantêm nos outros dois volumes, do segundo e terceiro ano do ensino médio, respectivamente. São eles:

Escritores homens, de períodos literários diferentes: ao contrário do que acontece com textos de autoria feminina, textos escritos por homens de diferentes escolas literárias são mencionados, geralmente na intenção de resgatar características de escrita ou comparar a estrutura textual. Nesse sentido, a justificativa de que a ausência de textos escritos por mulheres é devida à recente inserção na academia e na literatura não se sustenta, uma vez que um caminho parecido poderia ser feito com textos de autoria feminina, com comparações e resgates.

Ausência de espaços dedicados às autoras: no volume um da coleção Novas Palavras, em torno de 40 escritores têm um espaço dedicado à apresentação de sua vida e estilo de escrita, esse número representa mais 15% do total de escritores (tanto homens, quanto mulheres) citados no livro. Ao analisarmos quais escritoras, desses 40, tiveram sua vida e obra

citadas, identificamos apenas duas que são mais exploradas: Clarice Lispector e Marina Colassanti (0,5%). Escritoras mais conhecidas, como Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles, Adriana Calcanhoto e Adélia Prado, tiveram obras citadas, mas não tiveram um espaço à parte para expor mais sobre elas. Grandes escritoras, que contribuíram imensamente para a literatura brasileira têm seu espaço negado enquanto escritores homens tiveram páginas dedicadas apenas para a explanação de suas contribuições literárias, como é o caso de Carlos Drummond de Andrade.

Outro padrão identificado foi a presença de textos escritos por mulheres serem seguidos de textos escritos por homens; o contrário não acontece, não foi identificada no material uma ordem diferente, em que primeiro o texto de autoria feminina é exposto e depois um escrito por homem.

Autoria feminina em questões de vestibulares anteriores e atividades: mesmo com uma baixa quantidade de textos de autoria feminina durante todo o material de leitura e discussão, textos escritos por mulheres são usados em atividades, inclusive depois de um capítulo todo sem um texto escrito por mulher.

Conclusões

Quantitativamente, no primeiro livro (volume 1), que totaliza mais de 300 textos ao longo do material de 347 páginas, apenas 25 textos são de autoria feminina. Um padrão semelhante foi observado no segundo volume da coleção (do 2º ano do ensino médio), em que 447 páginas, com mais de 400 textos, somente 32 são de autoria feminina; o que também foi observado no terceiro livro, referente ao 3º ano do ensino médio, que em suas 349 páginas, traz 310 textos, sendo 27 de autoria feminina. Além de ocuparem pouco espaço nos materiais, a coleção não sugere uma discussão sobre a autoria feminina ou sobre o lugar da mulher na literatura.

Agradecimentos

O presente trabalho foi possível graças ao incentivo do Instituto Federal de São Paulo, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIFSP), ao qual agradeço por fomentar a pesquisa científica e educação de qualidade acessível.

Referências Bibliográficas

BAYN, Nina. **Melodramas of Beset Manhood: how theories of American fiction exclude women authors.** In: SHOWALTER, Elaine (ed.). *The New Feminist Criticism: Essays on Women, Literature and Theory.* New York: Pantheon Books, 1985.